



PRESSUPOSTOS ACERCA DA CATEGORIA PAISAGEM NO ENSINO DOS ELEMENTOS DO MEIO FÍSICO: RELEVO-SOLO-ROCHA NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA DOS ANOS INICIAIS

MALU ÍTALA ARAUJO SOUZA
IZABELLE DE CÁSSIA CHAVES GALVÃO
EMMANUELE RODRIGUES ANTONIO

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RESUMO

A Geografia na escola possibilita a construção da prática cidadã crítica e consciente, por meio da vivência no espaço. Portanto, este trabalho objetiva analisar as percepções e a leitura de mundo, dos escolares dos anos iniciais, por meio dos elementos do meio físico relevo-rocha-solo, tendo a paisagem como referência. A categoria paisagem permite a leitura integrada, dinâmica e sensível dos elementos do meio físico, possibilitando, que os escolares se vêem no mundo, com parte desta paisagem. Para identificar e levantar elementos para a análise foi realizado levantamento bibliográfico das temáticas, ensino de Geografia e dos anos iniciais e análise das mesmas. Acreditamos assim, por meio da análise da paisagem, as crianças, podem perceber que estes elementos estão integrados, onde moram, convivem e constroem a sua cidadania.

Palavra-chaves: Geografia Física, Ensino, Paisagem.

RESUMEN

Geografía en la escuela permite la construcción de la práctica ciudadana crítica y consciente, al vivir en el espacio. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo analizar las percepciones y el mundo de los primeros años de la escuela, a través de los elementos de entorno físico relieve-roca-suelo y el paisaje como referencia. La categoría de paisaje permite la lectura integrada, elementos dinámicos y sensibles del entorno físico, lo que permite a la escuela para entrar en el mundo, con una parte de este paisaje. Identificar e identificar elementos para el análisis se llevó a cabo la literatura del tema, la enseñanza de la geografía y los primeros años y examen. Creemos así, a través del análisis del paisaje, los niños pueden darse cuenta de que estos elementos se integran, en el que viven, convivir y construir su ciudadanía.

Palabra clave: Geografía Física, Educación, Paisaje.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca analisar o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Geografia nos anos iniciais, em especial a aprendizagem e os conhecimentos mobilizados pelos escolares sobre os conteúdos relacionados aos elementos do meio físico rocha-solo-relevo (RSR).

Ensinar Geografia é ir além de aplicar conteúdos pré-definidos e postos. A ciência geográfica através de seus conhecimentos específicos e objetivos permite a compreensão e a leitura do espaço, valorizando assim a aprendizagem por meio dos conceitos científicos e os conceitos cotidianos, adquiridos através da prática e das relações sociais diárias. Autores à exemplo de Cavalcanti (1998), Callai (2012), Morais (2011) se preocupam com o ensino e aprendizagem estabelecida na relação distante e desconexa entre aluno-conteúdo-professor, as mesmas acreditam que neste sentido há somente a reprodução de conteúdos e não a construção de conhecimento. Sobre esta necessidade Cavalcanti (2012) propõe um ensino dinâmico e ativo entre estes sujeitos, segundo a autora

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua bagagem intelectual, afetiva e social [...] (CAVALCANTI 2012, p.48).

O aluno é sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem, assim ressalta-se a necessidade de pensar no ensino que vise valorizar a construção do conhecimento a partir de interações entre professor – conteúdo – aluno, o ensino de Geografia deve possibilitar a relação do aluno com o objeto de conhecimento no caso - o espaço de vivência. Portanto, o foco como destacado por Callai (2012, p. 74) é “[...] analisar a sociedade e o mundo a partir da espacialidade dos fenômenos [...]” e [...] “trabalhar essa realidade de modo que aluno se entenda como sujeito que está dentro dessa realidade[...]”.

Logo, a pesquisa em apreço busca interpretar o ensino dos elementos físico, relevo-solo-rocha a partir da leitura da realidade e da paisagem permitindo aos escolares serem sujeitos ativos nesta relação, como destacado anteriormente pelas autoras. Alguns questionamentos são relevantes para estruturar a proposta de ensino dos conteúdos permitindo a construção e troca de saberes, a fim de possibilitar a leitura da paisagem tendo esses elementos integrados, por meio dos fenômenos e processos. Dentre elas, destaca-se: Qual é a Geografia ensinada nos anos iniciais? Quais os objetivos da disciplina de Geografia nos anos iniciais? Quais os conhecimentos mobilizados pelos escolares dos anos iniciais para apreender os conteúdos RSR? Como a categoria paisagem permite a leitura integrada dos elementos do meio físico RSR e permite o entendimento dos processos e da forma, pelos escolares?

Para contemplar essa problemática objetiva-se, propor a importância da categoria paisagem para o Ensino dos elementos do meio físico relevo – solo - rocha, tendo como referência a categoria paisagem. E os específicos: Refletir sobre a importância do aprendizado do conteúdo geográfico nos anos iniciais relacionado à rocha-solo-relevo e analisar a importância dos conteúdos rocha-relevo-solo, para o reconhecimento da paisagem e, conseqüentemente, do espaço de vivência dos escolares;

Acerca da importância do pensar geográfico para a formação cidadã dos alunos, este artigo ressalta a leitura da realidade através da paisagem, assim como a importância dos aportes teórico-metodológico para consolidar a leitura dessas relações. Esta inquietação sobre o ensino dessa temática parte das observações das atividades estagiárias desenvolvidas durante a graduação e das leituras dos autores que analisam o ensino de conteúdo da Geografia Física. No qual, nota-se cada vez mais, dificuldades e perspectivas no âmbito teórico metodológico, aplicação de conteúdos e propostas metodológicas sobre o conteúdo físico.

Assim, este trabalho visa desenvolver uma revisão, a fim de propor a categoria paisagem como ponto de partida do processo de ensino e aprendizagem dos elementos do meio físico RSR, e percebem estes em suas atividades cotidianas, permitindo a formação cidadã participativa e consciente como argumenta Cavalcanti (1998)

[...] o pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais. (CAVALCANTI, 1998 p.11)

Nesta perspectiva acerca da importância do pensar geográfico para a formação cidadã dos alunos, este artigo ressalta a relevância dos elementos do meio físico visto de forma integrada por meio da leitura da paisagem, para os escolares, que vivem e relacionam-se como os elementos do meio físico, especialmente a relação triangular entre RSR.

Portanto a pesquisa se estrutura no intuito de analisar e ressaltar aspectos relevantes no processo de ensino e aprendizado acerca dos conteúdos do meio físico, busca-se compreender como os discentes dos anos iniciais mobilizam e constroem conceitos sobre estes, e como a categoria paisagem, pode ser abordado no intuito de permitir uma leitura integrada dos elementos RSR. Pois acredita-se que a ciência geográfica permite a leitura crítica do espaço, tendo como base a interrelação sociedade – natureza. Essa relação precisa estar presente nas aulas, para a formação de um cidadão crítico e consciente no espaço onde vive.

METODOLOGIA

Para encaminhar esta pesquisa, fez-se a escolha da metodologia dentro de uma abordagem qualitativa em educação,

por achar que a mesma, contribui por promover uma integração entre os dados a serem coletados, a problemática do trabalho e as preposições teóricas acerca da temática a ser trabalhada. Esta pesquisa segundo Lüdke e André (1986), possibilita a aproximação do pesquisador com a situação a ser estudada.

Para isso apontam-se os procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos nesta pesquisa:

- Levantamento Bibliográfico acerca das temáticas: Ensino de Geografia, Elementos do meio físicos, rocha-solo-relevo, Paisagem,
- Análise e discussões sobre a importância da categoria paisagem para o Ensino dos elementos do meio físico em apreço.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

OS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA: SUA IMPORTÂNCIA NA PRÁTICA CIDADÃ

Ao ensinar Geografia precisa-se propor que esta disciplina tenha significado para os alunos, permitindo a eles a construção de conceitos acerca do espaço geográfico. Para isso, se faz necessário levar em consideração a reflexão acerca das abordagens metodológicas, curriculares e pedagógicas em relação aos conteúdos e a construção de conceitos sobre as dinâmicas espaciais. Logo elas terão significação aos alunos na sua formação cidadã. Cavalcanti (2012) reflete a importância de ir além dos conteúdos na relação ensino e aprendizagem, pois a diversidade que permeia a escola exige que os professores internalize a dinâmica social, assim como as concepções teóricas existentes, estabelecendo assim as bases da Geografia Escolar:

Na escola, portanto, o ensino de diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão, ainda, da cultura da escola. A tensão entre a seleção *a priori* de um conhecimento, a organização do trabalho pedagógico na escola e a identidade de alunos e professores deve ser a base para a definição do trabalho docente. (p.45)

Assim, a escola é o espaço onde se entrelaça os saberes, levando em consideração que os alunos são agentes ativos do processo de ensino e aprendizagem, Cavalcanti (1998), Callai (2012), Kaecher (2010), Kimura (2010) entre outros autores se preocupam com ensino de Geografia voltado somente para a reprodução de conteúdos prontos, enciclopédicos e mnemônicos, neste contexto, relembra-se que o ensino de Geografia na formação cidadã dos alunos dos anos iniciais e em especial os conteúdos referentes aos elementos do meio físico relevo-solo-rocha (RSR) se inserem como conteúdo curricular, mas principalmente na formação cidadã em prol de um raciocínio geográfico coeso e significativo.

Destaca-se, assim que este conteúdo encontra-se inserido nas noções preliminares dos escolares, de alfabetização espacial e promove o desenvolvimento do pensamento geográfico. Esse processo cognitivo se realiza na disciplina por meio do “[...] Desenvolvimento de capacidades e habilidades para operar esses conhecimentos e para formação de atitudes, valores e convicções ante os saberes presentes no espaço escolar.” (CAVALCANTI, 2012 p.45), ou seja, a partir dos conhecimentos mobilizados.

Kimura (2008) aponta a relação que os conteúdos apresentam na formação cidadã dos discentes, desde que estabeleçam relações históricas e sociais significativas. Para a autora os conteúdos envolvem questões e desencadeiam pensamentos necessários para entender o espaço de vivência dos alunos, sendo que “[...] essas questões são tidas como de grande pertinência do papel que a escola pode exercer na sociedade, diante da importância da aprendizagem do aluno”. (p. 76)

Dentro de uma perspectiva vigotskiana, Cavalcanti (2012 p.34) assinala, que os conteúdos devem contribuir para a “[...] formação das capacidades cognitivas dos alunos (conhecimentos dos saberes disciplinares)”. Assim, os conteúdos devem ser selecionados a fim de, contribuir para o crescimento intelectual dos discentes e de estimular a construção do raciocínio geográfico acerca das dinâmicas sociais.

Pensando nessa importância dos conteúdos para a formação do raciocínio geográfico, perpassa por esta pesquisa a necessidade da escolha metodológica e consequentemente dos conceitos e temas que sustentarão o planejamento e o desenvolver das aulas relacionadas aos conteúdos referentes aos elementos do meio físico RSR e possibilitar a construção de conceitos pelos discentes dos anos iniciais.

Nesta perspectiva, o Ensino de Geografia visa ir além dos conteúdos fragmentados e desconexos com a realidade dos escolares. O fato da ciência geográfica por meio de suas teorias e métodos permitir a compreensão e a leitura do espaço.

Cresce pesquisas que se preocupam com a Geografia Escolar, voltado para a construção do pensamento crítico e

consciente, no qual os alunos são sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Visa considerar o espaço vivenciado e os conhecimentos cotidianos/prévios dos escolares, a fim de que, a aprendizagem seja significativa aos mesmos.

Logo, é fundamental considerar os conceitos e as categorias, uma vez que é a partir deles que é possibilitada a leitura e o reconhecimento da realidade. No âmbito da Geografia, podemos destacar vários conceitos que compõem o pensamento epistemológico dessa ciência, no qual chamamos de basilares, a exemplo da paisagem, região, lugar, território, sociedade e natureza, dentre outros que conduz a análise espacial.

Consideramos que o **espaço**, é por excelência a categoria de análise da Geografia, este é concebido a fim de possibilitar a leitura da realidade, visto que é fruto de uma construção histórica e social, como apontado por Cavalcanti (2012) e Haesbaert (2014). Ao identificar o significado de categoria, Haesbaert (2014) ressalta que “[...] seria uma espécie de “conceitos mais” amplos” (p. 110), assim para o autor o espaço seria o conceito mais amplo e consequentemente a categoria da Geografia.

Quando estabelecemos que a categoria refere-se aos conceitos mais amplos, pontuamos em âmbitos mais gerais, que a mesma estabelece um conjunto de espécies/gêneros semelhantes que possuem as mesmas características e comunicam-se.

Nesta, perspectiva considera-se que a categoria determina os modos de ser, enquanto os conceitos são as ideias sobre a realidade, como defende Silva,

A categoria define os modos de ser, enquanto o conceito define a ideia ou conjunto de ideias a respeito de alguma coisa ou fenômeno. O conceito é uma representação do objeto pelo pensamento, por suas características gerais. (SILVA, 1986, p. 26)

Portanto, as categorias e os conceitos se convergem, uma vez que é por meio das categorias que os conceitos se constroem, havendo assim uma sobreposição. Ou seja, para chegarmos a alguns conceitos, precisamos na maioria das vezes, explorar as categorias ligadas a este conceito. Ao entendermos que a categoria define um modo de ser, podemos dizer que ela é concreta. Enquanto o conceito indica o empírico e o subjetivo, uma vez que ele é construído pelas operações mentais, pelas abstrações do pensamento.

Neste contexto, o espaço comportaria vários conceitos analíticos, como destacado anteriormente, e que para Haesbaert (2014), constituiria uma “constelação de conceitos”. Assim para o autor, os conceitos são a realidade, “[...] ele indica um caminho, uma conexão ou uma série de conexões, um devir.” (HAESBAERT, 2014 p. 113). O autor também pontua que os conceitos são oriundos de uma contextualização temporal, histórica, espacial e geográfica, sendo transformador. Assim, os conceitos permitem aos escolares criarem abstrações da realidade, entender a realidade e se ver nela.

Logo, entendemos que a categoria é o modo de ser, é ela em si, com suas concretudes e singularidades. Com ela é possível identificar a realidade, suas formas e dinâmicas. Contudo, a categoria permite a construção e a formulação de conceitos, no qual os sujeitos, por meio de suas operações mentais, consegue identificar e formular os seus próprios sistemas conceituais. Assim consideramos que são importantes os conceitos geográficos, pois por meio deles conseguimos entender e vivenciar os fenômenos espaciais. O conceito passa a ser assim o meio no qual conduz a leitura dos fenômenos e dos processos cotidianos, permitindo que o sujeito atue sobre eles.

Nesta perspectiva, Cavalcanti (2014) pontua que o conhecimento não se constrói pela simples “[...] transferência de conteúdos de fora para dentro do sujeito.” (p. 157), mas é resultado de atividades cognitivas que possibilitam a leitura da realidade, Pires e Alves (2014), compreendem que o conceito “[...] é considerado um ato complexo de pensamento, resultante de um processo de abstração (análise) e de generalização (síntese) de uma classe de objetos.” (p. 237). Assim, as autoras consideram que os conceitos advêm de processo de interação entre os sujeitos e objetos, consequentemente é histórico e social. Essa construção de conceitos, no qual assenta-se essa perspectiva é dialética, cujo a relação sujeito e objeto vai além do simples fato de experimentar o fenômeno, mas principalmente de interagir, conhecer, vivenciar e compreender os processos e fatores que regem a sociedade.

Portanto, destacamos que os conceitos geográficos permitem que os alunos compreendem, atuem e operem sobre o espaço em que vivem, e por meio desses consigam criar os seus próprios conceitos sobre a realidade, os seus próprios sistemas conceituais. Neste sentido, quando pensamos a importância dos conceitos no Ensino de Geografia, tendo como sujeitos os alunos dos anos iniciais principalmente aqueles dos 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I, alguns argumentos merecem atenção. Qual a relação das crianças com o espaço em que vivem? As crianças conseguem entender o mundo com os mesmos conceitos do adulto? Como as crianças operam por conceitos? Qual a importância dos conceitos para as crianças?

Esses argumentos permitem orientar a discussão, por meio do significado que temos pela infância e pela alfabetização geográfica. Assim, devemos pensar que a criança em sua infância, interage com o espaço em que vive, ela brinca,

corre, dialoga, observa, questiona, ela é curiosa pelas dinâmicas que regem o meio em que convive. Assim, ao consideramos a criança “[...] um ser sociocultural, histórico, portanto, também é geográfico, assim como é geográfico seu processo de humanização.” (LOPES, 2014, p. 105)

O que o autor considera é que existe uma infância que constrói suas espacialidades com os seus próximos. É notório, que não podemos considerar as crianças com uma visão adultocêntrica, mas precisamos considerar que elas vivenciam o espaço, e ao vivenciar este espaço, seja por meio das experiências e das trocas, ela consegue construir noções/ideias sobre os elementos que regem o espaço.

Os conceitos sobre os processos do meio, são prévios, aqueles formulados pela experiência imediata com o objeto, posteriormente irão possibilitar a elas confrontar com aqueles aprendidos na escola, estes serão sendo modificados, consolidados e (re) construídos durante os anos escolares posteriores. Neste sentido é que se insere a necessidade da Geografia nos anos iniciais, uma vez que as crianças como sujeito geográfico são capazes de compreender os processos espaciais, por meio de seus conceitos e categorias, mesmo que são ainda pseudo conceitos.

Diante disso, a criança possui uma curiosidade, que transcende a aprendizagem pela escrita ou as operações matemáticas, mas que vai ao encontro aos mecanismos dos fenômenos e processos que acontecem no meio em que vivem. Assim, consideramos a necessidade da leitura do espaço, no que tange aos elementos do meio físico RSR, partindo do conceito de paisagem, pois assim a visão sobre estes acontecerá de forma integradora e dinâmica, sem excluir os sujeitos do processo de construção dessa paisagem. Portanto, as crianças, por meio do estudo e da leitura do mundo, tendo o conceito de paisagem como mediadora e ponto de partida, poderá formular noções e assim posteriormente criar os seus próprios sistemas conceituais sobre os temas em apreço.

Várias abordagens conceituais abrangem esses conteúdos, à exemplo dos conceitos de natureza-sociedade, paisagem e meio ambiente. Assim pode-se encontrar esses conceitos nos currículos, nos livros didáticos e devem ser levado em conta na escolha metodológica e no planejamento das aulas. O conceito de natureza – sociedade é explicado por Cassetti (1991), a partir do retrocesso, das primeiras apropriações do homem no espaço, até a sua atual configuração no capitalismo moderno. Assim o autor, conceitua duas naturezas em momentos históricos diferentes, a primeira a qual “[...] a natureza é tida como meio de produção sem qualquer preocupação com a formação de excedentes[...]” e a segunda “[...] caracteriza-se com uma situação de valor de troca, que surge com a formação de excedentes” (CASSETI, 1991 p.5). Portanto nota-se nesse conceito de Cassetti, a intrínseca relação da natureza e do homem que se dá através da apropriação do espaço geográfico.

Mendonça (2004), relata que, a relação natureza e sociedade perduram desde as primeiras correntes do pensamento geográfico, e que sem dúvida na atual conjuntura elas não podem ser vistas dissociadas. Santos (2002), descreve a aproximação do meio natural ao meio social, assim:

[...] a história das chamadas relações entre sociedade e natureza é, em todos os lugares habitados a da substituição de um meio natural, *dado* ao uma determinada sociedade, por um meio cada vez mais artificializado, isto é sucessivamente *intrumentalizado*, por essa mesma sociedade. (p.233).

Assim temos uma natureza (chamada de primeira natureza), sendo modificada constantemente por uma sociedade, estabelecendo assim uma relação natureza e sociedade, é nesse campo em que os PCN's e as demais matrizes curriculares, abordam as temáticas físicas, e abrem possibilidades para que os elementos físicos não sejam dissociados dos sociais.

O segundo conceito de abordagem para os estudos dos elementos físicos é o de paisagem. Passos (2006), explica que teoricamente existe confusão teórica no conceito de paisagem com o de natureza, isso se deve pela gama de estudos que envolvem a ecologia atualmente. Para o autor, o conceito de paisagem origina-se nas artes e ganha espaço na Geografia graças às questões ambientais, ecológicas e das novas bases metodológicas da Geografia Física. Passos relaciona o conceito de paisagem como o “[...] o conjunto de formas que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre”. (p.53)

Para Santos (1998), a paisagem seria o ponto de partida para a análise do espaço, atingindo o campo do subjetivo, assim se dá a relação dessa categoria com o lugar, o vivido, o percebido, sendo essa uma dos objetivos de se ensinar Geografia, logo o conceito de paisagem como visto pelos autores, propicia o aproximar através dos sentidos, do olhar os elementos físicos, uma vez que há possibilidades de dialogar com o lugar vivido.

Assim, este pesquisa elege como categoria geográfica para o ensino dos conteúdos referentes aos elementos do meio físico RSR, a paisagem, pois acredita-se que está possibilita uma integração entre esta triangulação. Permite-se, assim a negação de uma ideia fragmentada, possibilitando a leitura dos processos e fenômenos que os mesmos implica no espaço vivenciado do aluno. Ou seja, pensa-se que o conceito de paisagem deve ser refletido a fim de se ler o mundo,

seja através da subjetividade, dos sentidos, da percepção, ou até mesmo, tendo como referência o vivido, ou de forma dialética pensando nas transformações, nos agentes, nas relações território-paisagem.

A PAISAGEM COMO PONTO DE PARTIDA PARA O ENSINO DOS ELEMENTOS DO MEIO FÍSICO RELEVO-SOLO-ROCHA, NOS ANOS INICIAIS.

Assim, vários autores se dedicam ao estudo dos aportes teóricos metodológicos da Geografia Física, tendo o conceito de paisagem como referência presente na orientação teórico-metodológico, Grigoryev (1968), Ab' Saber (1969), Bertrand (1972, 2006), Sotchava (1977), Sanjaume (2011), Vitte (2011), Mendonça (2011). Assim esses autores inferem que os elementos do meio físico, estão consubstanciados às atividades humanas em interface com a paisagem. Bertrand (2004) explana em seu texto as dificuldades de definição do conceito de paisagem:

Paisagem, é um termo pouco usado e impreciso, e por isso mesmo, cômodo, que cada um utiliza a seu bel prazer, na maior parte das vezes anexando um qualificativo de restrição que alerta seu sentido. [...] O problema é de ordem epistemológica [...] (BERTRAND, 2004 p.141)

Tem-se aqui um problema, alertado por Bertrand (2005), cujo conceito paisagem necessita de um rigor epistemológico de um clareamento, no qual complementa Bertrand (2005),

[...] paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado de combinações dinâmicas, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução. (BERTRAND, 2005 p. 141).

Neste trecho, Bertrand, deixa claro que a escolha dessa categoria geográfica, deve ser pensada e refletida em termos dialéticos, no que tange aos aspectos físicos-naturais e sociais. Brito e Ferreira (2011), traça um panorama acerca da categoria paisagem dentro da corrente do pensamento geográfico, as autoras ressaltam o que Bertrand (2005) já alertava, a complexidade do conceito e a forma com que foi utilizada em diferentes contextos históricos e culturais. À exemplo da Geografia Tradicional, no qual o conceito paisagem foi “privilegiado” quando aparece atrelado ao de região (região paisagem/ paisagem cultural/gênero de vida) e na Geografia Humanística, também enaltecia a categoria paisagem, principalmente no que tange o “espaço vivido” das relações, da subjetividade, como as ações relativas aos sentidos, cheiros, tato e olhares.

Brito e Ferreira (2005), aponta que quando utiliza-se o termo paisagem “ [...] geralmente as abordagens são pautadas no belo, na visão na apreensão individual e na subjetividade” (BRITO E FERREIRA, 2011 p. 2). Em outras visões o conceito possibilita uma interpretação geopolítica, de apropriação do território, como destacado por Bertrand (1996):

Consideramos aquí que elpaisaje es parte de um todo; este todo es el território em sentido amplio. Así concebido, elpaisaje no es solamente la apariencia de las cosas, decorado o escaparate. Estambiéun espejo que las sociedades se tienden hacia ellas mismas y que las refleja. Construcción cultural y construcción económica fundidas. Y bajo elpaisaje está el território, su organización espacial y su funcionamiento. (BERTRAND, 1996 p. 363)

O que se percebe no pensamento de Bertrand, que o conceito de paisagem está pautado nas relações sociais e físicas, onde o território com todas as suas peculiaridades reflete na paisagem as suas marcas, sociais, políticas, físicas e culturais. Essa percepção diverge da na Geografia Física clássica, de Kant e Humboldt, no qual a categoria paisagem esta consubstanciada aos aspectos descritivos das representações naturais, enaltecendo os aspectos da forma.

Na abordagem sistêmica, a paisagem era vista segundo a ideia de atributos sistêmicos: estrutura, funcionamento, dinâmica, evolução e informação. Posteriormente, no final da década de 1960 e 1970, desenvolveu-se uma análise de paisagem integradora e dinâmica. O conceito de paisagem neste sentido precisa estar relacionado a leitura demundo e, concomitantemente, propiciar a percepção, tendo como referência o vivido, características necessárias para o encaminhamento do processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Neste contexto, ao referenciar o significado que os temas RSR, possuem para a leitura espacial, compreendemos a paisagem por meio de uma abordagem sistêmica, propicia esta relação, no que tange a integração desses, pela paisagem.

Para tanto, ter clareza das fundamentações metodológicas desses conceitos na construção da ciência é fundamental para o encaminhamento dos objetivos da disciplina e de como ela é praticada. Assim, os conceitos são significativos e incorporados pelos escolares em sua vida cotidiana.

Cavalcanti (2013), aponta a Geografia como um viagem, pois com ela saciamos a curiosidade de conhecer e reconhecer novos lugares. E essa característica segundo a autora é intrínseca a leitura por meio da paisagem, por meio dos sentidos, da observação e das relações integrada de dialéticas entre os elementos do meio físico e os sociais. Para tanto Cavalcanti (2013) ressalta que “[...] um dos conceitos que podem mediar a relação com o mundo é o da paisagem, como uma das dimensões da realidade” (p. 224).

Sendo a paisagem uma categoria que permite a mediação entre o sujeito (os alunos) e o objeto analisado (o espaço vivenciado), podemos ressaltar que ela aguça a sensibilidade frente aos elementos que a compõem, e esse fator potencializa análises que vão além das aparências imediatas e descritivas.

Assim, os escolares concebem os elementos do arranjo espacial em que vivem, no qual possibilita a leitura por meio como, aponta Cavalcanti (2013), “[...] ao um par indissociável forma/conteúdo.” (p. 225). Essa relação forma/conteúdo pode ser percebida tendo como referência os elementos visíveis e invisíveis que estão inscritos no espaço. Potencializa assim, uma visão dialética, no qual os sujeitos deixam suas marcas, atribuídas a formas em que estabelecem a sociedade. Portanto, neste contexto, que estabelece a importância dos encaminhamentos tendo a paisagem como elemento mediador, no sentido que os escolares se vêm nesta paisagem e reconhece suas ações nelas e favorece assim a formação de um raciocínio intelectual e efetivo.

Como ressaltado anteriormente, a paisagem durante a sua consolidação teórica, sempre foi vista por meio das formas de apreensões dos elementos contidos, seja ela por meio da descrição; pela relação dos sujeitos e dos elementos do meio físico em uma leitura sistêmica integrada ou pelos odores, sentidos, cheiros e formas. Sendo assim ela favorece a compreensão da realidade e das dinâmicas da superfície. Cabe assim, ao ensino de Geografia utilizar e ampliar os modos em que vemos os elementos dessa paisagem, como destaca Cavalcanti (2013), “[...] para aprender a ter uma experiência mais completa com ela e perceber aspectos poucos visíveis ou pouco destacados, desvalorizados.” (p. 229) Nesta perspectiva destaca-se a percepção dos aspectos visíveis e invisíveis, que os elementos que compõem a paisagem, assim como as sua dinâmicas resulta em uma herança – resultado de ações das sociedades. Contudo, o que conseguimos observar em determinado momento é um “patrimônio” construído e inscrito naquela paisagem em que vivenciamos. Portanto, a paisagem possui caráter sócio histórico, no qual os povos herdaram as heranças dos seus antepassados e modificam em atuações recentes. Callai (2013), acrescenta que a paisagem “[...] é o retrato do espaço num determinado momento, ou mais exatamente, é a fotografia da sociedade materializada no espaço num determinado instante.” (p.41). O papel que a paisagem assume, auxilia a quem observa, perceber marcas para entender o passado e definir aquilo que é aparente no momento.

Santos (1988), aponta que essa dimensão da percepção e da caracterização do momento, é feita pelo sujeito, por meio “da dimensão da percepção”, ou seja, os sujeitos observam a paisagem segundo o seus interesses e das motivações que nos leva a fazer a análise. Assim, durante o processo de ensino e aprendizagem, devemos ter em mente que o olhar cuidadoso para com a paisagem, busca a leitura de mundo e deve ser orientada para estabelecer os critérios para observação.

O ensino neste contexto desenvolve algumas capacidades cognitivas, como a atenção, a memória, a atenção, a observação. Santos (2004), considera a paisagem como um “[...] conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam sucessivamente as relações localizadas entre o homem e a natureza” (p.35). Neste sentido, a paisagem como ponto de partida e mediadora para a triangulação dos temas estruturadores RSR, possibilita com os escolares, no caso as crianças, se vejam e consigam observar as formas, processos e conteúdo da relação entre o homem e os elementos do meio físico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da Geografia como destacado é possibilitar a leitura dos espaços, da paisagem, dos lugares. Nos anos iniciais, as crianças têm os primeiros confrontos com os conceitos cotidianos e os científicos. Deixar com que eles reconheçam o ambiente onde se relacionam, convivem, crescem, é potencializar e favorecer o raciocínio geográfico e consequentemente a prática cidadã.

Besse (2006) argumenta que a paisagem vai além do simples observar os elementos físicos para ela tem que ser lida, vista e sentida. Assim o autor conceitua paisagem como sendo “[...] um signo, ou um conjunto de signos, que se trata de entender e aprender a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de se ler a paisagem” (p.64).

Assim, refletimos que a importância do ensino dos elementos do meio físico relevo-solo-rocha, precisa ser entendida por meio do espaço de vivência dos escolares. Para potencializar está leitura e compreensão, acreditamos nas análises e significados que a categoria paisagem, possibilita para a retirada e a concepção dos sujeitos, formas e processos presentes no espaço. Portanto, pensar nas dificuldades e perspectivas do ensino dos elementos do meio físico, é ir

além de identificar como estes conteúdos específicos da Geografia estão sendo abordado no ensino básico, mas também pensar na importância de se ter aspectos teórico-metodológico bem definido a fim de tornar significativo essas temáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AB' SABER, A. N. Um Conceito de Geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o Quaternário. São Paulo, Geomorfologia, n. 18, 1969. pp.1-23.
- BERTRAND, Claude. BERTRAND, Georges. Geografía del Medio Ambiente: el sistema GTP: geosistema, territorio y paisaje. Granada, ES: Universidad de Granada, 2006.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e Geografia Global: Esboço metodológico. São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, Cadernos de Ciências da Terra, n.13, 1972, pp.1-27. 4.
- CASTELLAR, Sônia. Educação geográfica: formação e cidadania. In: MORAIS, Eliana Marta Barbosa de e MORAES, Loçandra Borges de. Formação de professores: conteúdos e metodologias no processo de ensino e aprendizagem de Geografia. Goiânia: NEPEG, VIEIRA, 2010. pp.39-57.
- CAVALCANTI, L. S. Uma Geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: _____. (Org.). Geografia da cidade. Goiânia: Editora Alternativa, 2001. pp. 11-32.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: _____. Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. Goiânia: editora Vieira, 2006. p.27-49.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção do conhecimento. Campinas, SP : Papirus, 1998
- GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. Teoria e Educação, Porto Alegre: Pannônica, n. 2, p. 230-254, 1990.
- GREGORY, K. J. A natureza da geografia física. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- GRIGORYEV, A. A. Os fundamentos da Geografia Física Moderna: o estrato geográfico da Terra. In: The interaction of sciences in the study of the Earth. Trad. Míriam Ramos Gutjahr. Moscou, 1968.
- Haesbaert, Rogério (2011b), "O território e a nova des-territorialização do Estado", em: Dias, L. e Ferrari, M. (org.) Territorialidades humanas e redes sociais, Insular, Florianópolis, pp. 19-37.
- MORAIS, Eliana Marta Barbosa. As temáticas físico-naturais no ensino de Geografia e a formação para a cidadania. Barcelona: Revista Virtual Geografia, Cultura y Educacion, n. 2, 2011.
- NASCIMENTO, Flávio Rodrigues do; SAMPAIO, José Levi Furtado. Geografia Física, Geossistemas e Estudos integrados da paisagem. Revista da Casa da Geografia de Sobral, V. 6/7, n.1, 2004-2005. pp.167-179
- PAGANELLI, Tomokolyda. Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. (Orgs). Geografia em perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002
- SANJAUME, Maria Sala. Un panorama Ibero-americano de la Geografia Física. In: SEVERO, Adriano; FOLETO, Eliane. Diálogos em Geografia Física (Orgs.). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011. pp.77-107.
- SANJAUME, Maria Sala; VILLANUEVA, Ramon J. Batalla. Teoría y métodos en Geografía Física. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.
- SOTCHAVA, V. B. O estudo de Geossistemas. Métodos em questão. IG-USP. São Paulo, n.16, 1977.

Malu Ítala Araújo Souza
Mestranda em Geografia- IESA/UFG
Programa de pós-graduação em Geografia
E-mail: maluitala_3@hotmail.com

Izabelle de Cássia Chaves Galvão
Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia- IESA/UFG
Curso de licenciatura em Geografia
E-mail: iza.chaves.93@gmail.com

Emmanuele Rodrigues Antonio
Mestranda em Geografia- IESA/UFG
Programa de pós-graduação em Geografia
E-mail: e.rodriguesantonio@gmail.com

Recebido em: 05/07/2015
Aprovado em: 07/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: